

CAETITÉ EM PROGRESSO: Os ideais de modernidade expressos no jornal *A Penna* (1900-1930)

Giane Araújo Pimentel Carneiro¹

Joseni Pereira Meira Reis²

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo identificar e analisar os ideais de modernidade divulgados pelo Jornal *A Penna*, no início do século XX, em Caetité-BA. Diante dessa temática, surgem algumas questões: o que se considerava moderno no contexto do início do século XX em uma cidade do interior da Bahia? Quais as concepções de cidade e modernidade que eram veiculadas pelo jornal *A Penna*? Referendamo-nos em Baudrilhard (1989), Veiga (1997), Veiga e Faria Filho (1997), entre outros. Na perspectiva de enquadrar a cidade de Caetité na concepção do que se considerava ser uma “cidade moderna”, o jornal *A Penna* passou a proferir discursos com o objetivo de impor modelos, práticas de comportamentos, ideias que deveriam ser adotados por uma sociedade comprometida com o ideário de progresso tão em voga no período.

Palavras-chave: Modernidade; imprensa; cidade.

O presente artigo sobre os ideais de modernidade em Caetité-BA, expressos no jornal *A Penna* (1900-1930) pretende, por meio do periódico que circulava na cidade, entender a ideia de modernidade veiculada por ele. Diante dessa temática algumas questões nos levam a pensar: o que se considerava moderno no contexto do início do século XX em uma cidade do interior da Bahia? A ideia de modernidade perpassava a vida de toda a população da cidade? Quem eram os arautos dessas ideias? Quais as concepções de cidade e modernidade que eram veiculadas pelo jornal *A Penna*?

A Penna foi o primeiro jornal que circulou de forma efetiva no Alto Sertão da Bahia³, redigido e impresso em Caetité na tipografia de João Antônio Gumes em 25 de setembro 1897. Gumes editou e fez circular o primeiro periódico⁴ da região. Um ano depois implantava definitivamente a imprensa com a circulação do jornal *A Penna*.⁵ Conforme Maria da Conceição Reis, a criação da imprensa por João Gumes fez parte de um projeto pessoal mais amplo, pois, “como ambicionava extinguir o analfabetismo em Caetité e em cidades circunvizinhas, acreditava que a melhor maneira para alcançar esse objetivo era o incentivo à leitura e a propagação de textos” (REIS, 2004, p.63)⁶. Vale ressaltar que a relevância e abrangência do jornal não se restringiram a Caetité; atingiram também cidades circunvizinhas. “*A Penna* circulava em toda a região, com a divulgação de notícias tanto de âmbito local, como regional, estadual, nacional e

internacional” (REIS, 2010, p.56)⁷. Possuía assinantes em vários estados do Brasil, principalmente em São Paulo e Minas Gerais.

O trabalho fundamenta na nova história cultural que tem como objetivo então, pensar como uma realidade social é construída, pensada, utilizando-se de percepção e apreciação do real. Desta forma torna-se necessário tomar a função simbólica como mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real através de signos lingüísticos (CHARTIER, 1991)⁸. Assim, no nosso estudo atentamos para as representações de modernidade expressas no jornal *A Penna*, no início do século XX.

A modernidade das elites

As “elites” caetitênses, conforme nos indicam as fontes, tinham a pretensão de estabelecer na cidade uma ordem civilizada, condizente com a emergência da modernidade no país e no estado. Coexistiam os valores da tradição e o desejo de inserir essa região do país dentro dos princípios da “modernidade republicana”, conforme afirma Maria Tereza Chaves de Mello (2009, p.18)⁹.

Em consonância com marcadas alterações sócio-econômicas, novas idéias penetraram intensamente a sociedade brasileira letrada – e talvez não só nela – a partir da década de 1870. A mais profunda mudança por elas produzida foi a de dar um conteúdo histórico à já difundida e assimilada noção de progresso, noção que, agora, extravasava o campo dos avanços materiais que, entretanto, tanto maravilhavam os contemporâneos, orgulhosos do seu tempo. Valendo-nos de códigos visuais da época, alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação “civilização”.

Para caracterizar melhor esse grupo social a que chamamos de “elite”, recorremos a Flávio Heinz (2006, p.8)¹⁰, que afirma que não há nas pesquisas históricas um “consenso” quanto à forma de entender o conceito de elites no que se refere à formação e composição do grupo. Segundo o autor, o termo é utilizado de maneira ampla e num sentido “descritivo”, aplicando-se a categorias que ocupam de certa forma, lugar de destaque, ou seja, pessoas ou grupos que assumem o posto de direção e representam a autoridade. Podem também ser considerados os “abastados”, “influentes” ou “privilegiados”. O autor ressalta que o conceito é pouco esclarecedor, é impreciso e diz respeito “à percepção que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas ao indivíduo no desempenho de seus papéis sociais e políticos”. Comenta, ainda, que muitos pesquisadores são conscientes da imprecisão na utilização do termo, fato que acaba tornando-se, de certa forma, uma situação cômoda, mas Heinz afirma que a

noção de elite se refere aos:

Grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção (2006, p.8).

Como se vê, fazer parte das elites significa ter uma “posição-chave” e compartilhar de alguns qualitativos, como dispor “de poderes”, “influência” e “privilégios”, que nem sempre estão ao acesso de todos os membros do grupo. O autor comenta, ainda, a apropriação que os historiadores fizeram do termo, uma vez que permite dar conta, por meio da “microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social” (2006, p.8). Assim, Heinz esclarece que esse procedimento não é diferente de outros utilizados por outras ciências; na realidade, objetiva-se compreender, por meio de uma análise mais minuciosa, sobre os sujeitos que ocupam os lugares de destaque social, destacando a complexidade das relações nas quais estão envolvidos. Assim, utilizamos o conceito para pensar que a elite caetiteense no início do século XX, referia aos líderes políticos, as famílias de poder aquisitivo, e demais pessoas que ocupavam cargos públicos de destaque naquela sociedade.

Na perspectiva de enquadrar a cidade de Caetité na concepção do que se considerava ser uma “cidade moderna” no início do século XX, o jornal *A Penna* passou a proferir discursos com o objetivo de impor modelos, práticas de comportamentos, ideias que deveriam ser adotados e seguidos pela sociedade comprometida com o ideário de progresso e desenvolvimento tão em voga no período. Em matéria de 19 de dezembro de 1911, intitulada “Festa do progresso” foi divulgada a recepção com a qual os caetiteenses receberam os engenheiros que foram fazer os estudos para a construção do trecho da linha da Estrada de Ferro Central Bahia, que atravessaria grande parte do Município de Caetité.

Em palavra fluente a que soube comunicar o entusiasmo e a alegria que no momento enchiam os corações dos caetetéenses, sentimentos que com felicidade soube traduzir, saudou a Comissão de estudos synthetisada no seu ilustre chefe o Dr. Eng. Antônio Rodrigues Gomes Ladeia, felicitando o Caeteté pela **nova era de progresso** que ia se abrir e fazendo ardentes votos por que em breve se realice o que tanto almejamos.¹¹

O ideal de modernidade constituiu-se em meta para a República brasileira, numa evidente preocupação com a inserção do país no rol dos modernos estados europeus. Para Baudrillard (1989)¹² a modernidade se impõe como uma, homogênea irradiando mundialmente a partir do Ocidente e especificando-se em todos os domínios. Ao invés de tratá-la como um constructo teórico ou como um conceito de análise, prefere falar de uma “lógica da modernidade” que instaura a tradição do novo. Desde o século XVI a ideia de modernidade é reconhecida na Europa, mas é a partir do século XIX que assume seu sentido pleno. Os fundamentos filosóficos e políticos da modernidade datam do século XVII e XVIII, baseado no pensamento racionalista moderno. Com o progresso contínuo das ciências e das técnicas foi introduzida na vida social uma dimensão de mudança e desestruturação dos costumes que repercutirão no século XX, tanto na vida política, na mentalidade das pessoas, na temporalidade, quanto no domínio da cultura e dos costumes. O tempo seria considerado não mais num aspecto cíclico, mas se desenrolando numa linha evolutiva passado-presente-futuro, daí a conotação da evolução sempre para algo melhor, ou seja, a perspectiva do progresso, através do encaminhamento da população em direção à civilidade. Baudrillard (1989, p.12) indica outro aspecto da modernidade, o paradoxo entre mudança e tradição.

A dinâmica da modernidade revela-se assim, tanto no Ocidente quanto no Terceiro Mundo, ao mesmo tempo como lugar dos fatores de ruptura e solução de compromisso com os fatores da ordem e de tradição. A mobilidade que ela implica em todos os níveis não define, ainda, senão a parte da mudança tolerável pelo sistema, sem que ele seja mudado no essencial.

Na estrutura da cidade eram edificadas transformações que evidenciassem o progresso almejado. Nos planos orçamentários da intendência municipal eram projetadas as despesas com calçamento de ruas, melhoramentos na iluminação pública, embelezamento da cidade, entre outros. Reformas foram realizadas na estrutura da igreja matriz, o prédio do teatro foi construído e, nas residências, o Código de Posturas sugeria que fossem realizadas reformas de dois em dois anos. A cidade contava com profissionais na arte dos ofícios da construção, como evidenciou esse anúncio do jornal:

ARTISTA PEDREIRO

Diomedes Machado Pedreira, artista pedreiro, encarrega-se da execução de trabalhos como sejam: calçamento, obras de achitectura, estuque, florões e talhamentos com cal ou cimento, platibandas, etc. Trabalha com consciência, por preços commodos.

Residencia: Rua Progresso, Cidade de Caetitê, 42.¹³

As construções da época que foram preservadas até nossos dias retratam todos os detalhes que esses artistas produziram, de forma minuciosa nos casarios e prédios públicos.

Subjacente à preocupação em desenvolver e mostrar a existência de um projeto de modernidade, percebemos que ele foi permeado pelos conflitos e contradições, provocando a exclusão e a estigmatização de grupos, espaços e indivíduos em prol das transformações rumo a uma sociedade “civilizada” e de progresso. Nesse projeto, o jornal indica a presença das populações carentes, principalmente daqueles que optaram por migrar para São Paulo, em busca de melhores condições de vida, como algo que precisaria ser superado. Esse povo tratado como “ignorante” precisa ser “educado” para também contribuir com esse projeto.

A questão da higiene

O processo de modernização das cidades rumo “à civilização” encontrava no ideário higienista um dos meios de concretizar essa ideia. Vencer a insalubridade, higienizar, prevenir as doenças, garantiria a conquista desse estado civilizatório, segundo o pensamento que predominou, principalmente, na passagem do século XIX para XX.

A higienização da cidade era assunto constante nas várias edições do jornal *A Penna*. O Código de Posturas da cidade de Caetité, de 1872, indica que essa era uma preocupação desde o século XIX. Ele regulamentava as construções na cidade, o comportamento das pessoas quanto ao asseio, à estética e a organização da vida pública. A postura de nº 88 dizia respeito à organização do comércio nos dias de feira:

Fica proibido aos vendedores da Cidade exporem seus gêneros, em os dias de feira, dentro da casa destinada aos bruaqueiros; só o podendo fazer em barracaz. Pena de 10.000 réis ou 8 dias de prisão.¹⁴

A postura Nº 80 revelava a preocupação com a estética e com o comportamento dos habitantes na cidade:

Todo proprietário d’esta cidade fica obrigado a fazer, dentro do prazo de um anno, depois da publicação d’esta, por editaes, o calçamento das frentes de suas casas, nas ruas que a camara determinar, com pedras apropriadas; tendo a calçada 10 palmos de largura, sendo nivelada e alinhada pelo fiscal. O proprietaria rº que a isso se negar pagará a multa de 10#000 r.s (dez mil réis).¹⁵

Entretanto, a existência do Código não era garantia do seu cumprimento. Nas primeiras décadas do século XX eram recorrentes as matérias do jornal que cobravam dos administradores municipais, medidas de higienização, como esta publicada em fevereiro de 1926, pois, de acordo com a notícia, a situação de desordem e a falta de asseio não condiziam com o esperado para a cidade:

ASSEIO DA CIDADE

Uma das mais urgentes e inadiáveis necessidades urbanas é o asseio rigoroso (...) É preciso, pois, é urgente, que serias providencias sejam tomadas em ordem a confirmarmos os créditos que adquiriu a nossa urbs; que os fiscaes andem mais attentos, que os proprietários sejam compellidos, sob pena, de accordo com as posturas, a cair as suas casas e limpar o espaço que em frente dellas lhes pertence; que sejam melhoradas as ruas e travessas cujo calçamento esbarronda-se. É da competência dos Fiscaes fazer vigorante a lei e levar ao conhecimento do seu superior quaes as medidas que convem tomar-se pelos cofres públicos para o asseio e embelezamento da Cidade.

A partir de fins do século XIX reformas urbanas foram empreendidas em várias cidades brasileiras por engenheiros e médicos sanitaristas. Elas tiveram a intenção de “reordenar a população, introduzindo novos hábitos condizentes a uma sociedade civilizada” (VEIGA, 2007, p.260)¹⁶. Essa ideia integrou a mentalidade da época ao prover essas mudanças na estrutura das cidades, como o saneamento básico, a instituição de práticas higienistas, a reformulação das posturas municipais, entre outras medidas, no intuito de regulamentar o uso dos espaços públicos e privados. Reforçando essa ideia, Veiga (1997)¹⁷ afirma que proliferaram concepções sanitaristas, com ênfase na ciência e no progresso a fim de produzir uma nova cultura urbana. Percebe-se a incorporação da noção de que, mesmo que os discursos da educação e do higienismo se dirigissem aos pobres e aos ricos, eram os pobres que preocupavam mais, pois os ricos “naturalmente” se civilizaram, assim, os habitantes pobres da cidade, na sua incivilidade, seriam um fardo social e político para a sociedade. Conforme afirmam Veiga e Faria Filho (1997, p.207)¹⁸, “A ênfase na suposta irracionalidade das camadas pobres é uma constante nos discursos dos adeptos do progresso e do moderno e trazem pistas sobre o incômodo político provocado pelas práticas sociais desses setores da sociedade”.

O ideário médico-higienista repercutiu na vida das famílias, principalmente através da imprensa. O jornal *A Penna*, além de publicar matérias exigindo a

providência de medidas higiênicas na cidade, também denunciava casos de falta de cuidado com a saúde das crianças, bem como alertava para os casos de doenças endêmicas que assolavam a região em alguns períodos. A doença estava associada à ausência de higiene, e assim era preciso combatê-la:

Cresce n'esta Cidade a epidemia da coqueluche, que tem victimado algumas crianças **devido a não terem sido submetidas a um regular tratamento**, pois felizmente os casos observados só adquirem phenomenos alarmantes quando há intercorrença de gripe ou de outras moléstias. Consta-nos que também tem aparecido alguns casos de papeira.¹⁹

As obras memorialistas de Flávio Neves e Áurea Silva, que viveram nesse período em Caetité, indicam que os casos das epidemias eram tratados de forma rigorosa pelas autoridades, reafirmando a urgência na adoção de medidas que pudessem evitar a proliferação das moléstias na cidade:

De quando em vez ouvia-se dizer que casos de bexiga [varíola] tinham sido identificados em localidades próximas. As providências das autoridades eram imediatas. Postavam-se à entrada da cidade, turmas vigilantes que submetiam quantos estavam a chegar de fora a uma rigorosa defumação.” (NEVES, 1986, p.21)²⁰

No lugar foram tomadas todas as providências cabíveis: vacinas, fumigações, todos os recursos da higiene – mesmo assim, poucos escaparam. (SILVA, 1992, p. 31)²¹

As medidas higiênicas visavam o controle social e a desestabilização de velhos costumes tidos como “atrasados” diante dos novos conhecimentos científicos, como publicado nessa matéria da Revista de Educação, da escola normal de Caetité, em 1927: “O povo do sertão (...) quando chega a interessar pela própria saúde, já a enfermidade avançou rebelde, e lançam mão de remedios dados pelos *curandeiros*, que mais apressam a morte...”²². Desta forma, o conhecimento médico adquiriu fóruns de ‘verdade’ e uma credibilidade sob os auspícios da ‘ciência’. O médico passou a intervir nas famílias principalmente através das mães, como conselheiro nas questões da higiene. Nesse sentido, propagandas e várias matérias foram publicadas, como a matéria da seção “Medicina para todos”, intitulada “Pelas crianças” e assinada pelo médico gaúcho Dr. Mário Totta, direcionada às mães, recomendando deixar as crianças mais à vontade, brincar ao sol, correr mais livremente:

Há um vício de educação que é preciso sanar, porque elle é

incompatível com a saúde (...) Vós [as mães] acostumaes as crianças a um regime prejudicialissimo que lhes entrava por completo as faculdades phisicas e moraes.²³

Contrapondo às denúncias da falta de asseio e da desordem, as ações protagonizadas pelas elites, em benefício da situação de precariedade vivida pela população pobre, eram ressaltadas:

OBRA DE CARIDADE

A interessante e talentosa creança Zelinda Rodrigues Lima, filha do nosso illustre e distincto amigo o Coronel Lima Junior, paronymphada por caritativas e boas senhoras da nossa melhor sociedade entre as quaes sua digna mãe e suas tias as Exmas. Sras. dd. Celsina Spínola Teixeira Gomes Ladeia e Evangelina Spínola Teixeira, promoveu no dia 1 do corrente um lindo festival no Theatro d'esta cidade a fim de serem conseguidos meios de auxiliar as famillias pobres que se acham em penúria, máxime na quadra actual em que a epidemia veio tornar mais angustiosa a sua situação.²⁴

Esforços foram empreendidos em prol de medidas de higiene no que se refere ao sistema de águas para uso nas residências. No Código de Posturas de 1872 já constava os cuidados que deveriam ser tomados com as águas dos riachos que serviam a população. No final da década de 1910, o sistema de encanamento de águas nas residências tornou-se uma realidade²⁵, ainda que restrita às principais ruas da sede, porque a população periférica da cidade continuou se servindo das águas dos chafarizes ou diretamente coletada nos reservatórios naturais.

Outras medidas que alcançaram grande repercussão no jornal e na revista publicada pela escola normal, foram a criação do “Posto de Hygiene Municipal”²⁶ e do “Gabinete dentário”:

No dia 21 do corrente mez, em um apartamento do grande edificio da Escola Normal, em presença de todas as autoridades escolares, de todos os representantes do mundo official deste municipio e da elite social caitetéense, foi solemnemente inaugurado pelo presidente da Caixa Escolar, o gabinete dentario por onde se effectuará a assistencia dentaria da infancia de Caiteté. E a idéa persistiu, cresceu, tomou vulto, transformando-se em realização, o que a directoria da Caixa Escolar de Caiteté sonhou fazer em favor da infancia, em beneficio do futuro de uma raça que precisa da puericultura e dos cuidados preventivos, recomendados pela hygiene.

Em seis dias de trabalho oitenta crianças foram rigorosamente inspeccionadas, passando todas ellas pelo tratamento preliminar e indispensavel. (...)

Caiteté, segundo nos consta, é a primeira cidade do interior que já tem instalado um serviço de assistencia dentaria infantil.²⁷

A notícia divulgada pelo jornal *A Penna* sobre a inauguração do gabinete dentário, ocupando uma sala do “grande edifício da Escola Normal”, traz explicitamente a ideia de que a política do “cuidado” com a saúde pública, era uma das preocupações da elite política da cidade, considerando que o evento contou com a presença das principais autoridades oficiais do município. Fica explícito também, a ideia de que a criação desses órgãos foram benesses concedidas pela elite que estava de certa forma comprometidas com um projeto de modernidade para a cidade, relatam que Caetité “é a primeira cidade do interior que já tem instalado um serviço de assistência dentária infantil”.

Algumas considerações

No final da década de 1920, as matérias parecem indicar uma relação amistosa do jornal com os administradores municipais, pois as notícias sobre a higienização da cidade elogiavam as providências tomadas e os esforços realizados para que se cumprisse o Código Sanitário “ao pé da letra”: “o governo municipal não tem poupado esforços para higienizar a sede e os districtos do Município”.²⁸

Nesse sentido, percebemos um movimento em direção ao desejo de transformar os hábitos e comportamentos da população, qualificando os antigos costumes como “atrasados”; o conhecimento popular sobre saúde e alimentação precisaria ser substituído pelo saber científico. Medidas de prevenção de doenças e do trato com a saúde no cotidiano da vida na cidade precisariam ser implementadas pelos órgãos públicos e pelas instituições, em prol da higienização e da conquista de hábitos tidos como “civilizados”.

Na leitura dos discursos que expressam as ideias de modernidade no jornal *A Penna*, abordamos vários exemplos desses sinais visíveis de modernidade e civilização. O próprio espaço urbano era visto como objeto de construção, tanto nos prédios que assinalavam a existência de uma infraestrutura municipal (Escola Normal, Estação Meteorológica, Sede da Câmara entre outros), assim como o cuidado com a higiene, a necessidade do asseio, calçamento de ruas eram temas constantes dos textos publicados nos jornais. Essas notícias vinham sempre envoltas de certa tensão entre o embelezamento e o acesso de toda a população aos recursos da modernidade, a exemplo da água encanada, que somente as ruas principais do centro da cidade usufruíam desse

privilégio.

¹ Giane Araújo Pimentel Carneiro. Professora da SEC-BA e da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII. Mestre em Educação/UFMG. gianeap@hotmail.com.

² Joseni Pereira Meira Reis. Professora da SEC-BA e da UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Campus XII. Mestre em Educação/UFMG. josenimeira@gmail.com.

³ Segundo João Gumes, “É conhecido por Alto Sertão da Bahia o vastíssimo território das caatingas, carrascos, chapadas, pseudo-matas, não vestido geralmente das uniformes e pujantes florestas a que se dá entre nós o nome de ‘matas’. Aí, quer no tempo, quer no espaço, vêem-se os mais vivos contrastes, os mais surpreendentes, e uma variedade quase infinita de altitudes e aspectos que confundem e deslumbram (...)” (1927, p.2).

⁴ O Caetiteense, primeiro jornal editado por Gumes, teve vida efêmera: edição única. O CAETITEENSE, Caetité, 25 set. 1896.

⁵ Segundo Reis, mesmo com poucos recursos financeiros e sua total reclusão à região Sudoeste da Bahia, em março de 1897, João Gumes fez circular o jornal *A Penna*, publicação quinzenal que, apesar das várias interrupções por questões econômicas, sobreviveu até 1942.

⁶ REIS, Maria da Conceição S. *O Sampauleiro*: romance de João Gumes. Tese (Doutorado em Linguística), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004, p.63.

⁷ REIS, Joseni P. Meira. *Instâncias Formativas, Modos e Condições de Participação nas Culturas do Escrito*: o caso de João Gumes (Caetité-Ba, 1897-1928). Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FAE – UFMG, 2010, p.56.

⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1991.

⁹ CHAVES DE MELLO, Maria Tereza. A modernidade republicana. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. n. 26, v. XIII. Niterói: UFF, jan./ 2009.

¹⁰ HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

¹¹ *A Penna*, 19/12/1911, p.03, nº 01, Anno I. Grifos nossos.

¹² BAUDRILLARD, Jean. *Modernité Encyclopedia Universalis*. Paris: Editeur à Paris, tome 15. Trad. Édil Guedes, 1989.

¹³ *A Penna*, 31/03/1921, p.01, nº 240, Anno X.

¹⁴ Acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité, Livro de Posturas, nº 88, fl.22f.

¹⁵ Acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité, Livro de Posturas, nº 80, fl.22f.

¹⁶ VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007, p.260.

¹⁷ VEIGA, Cynthia Greive. *Projetos urbanos e projetos escolares*: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 26, dez. 1997.

¹⁸ VEIGA, Cynthia Greive; FARIA FILHO, Luciano. Mendes *Belo Horizonte*: a escola e os processos educativos no movimento da cidade. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 18, set. 1997.

¹⁹ *A Penna*, 18/02/1926, p.01, nº 366, Anno XV.

²⁰ NEVES, Flávio. *Rescaldo de Saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

²¹ SILVA, Áurea Costa. *Luz ente os roseiras*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de artes Gráficas, 1992.

²² APMC. *Revista de Educação*: orgam da Escola Normal de Caetité. Dez. 1927. Anno I, nº 06, p.201-202.

²³ *A Penna*, 01/01/1927, p.04, nº 406, Anno XVI.

²⁴ *A Penna*, 18/01/1919, p.01, nº 182, Anno VII.

²⁵ *A Penna*, 10/10/1919, p.03, nº 201, Anno VII.

²⁶ *A Penna*, 18/08/1927, p.01, nº 420, Anno XVI.

²⁷ *A Penna*, 29/09/1927, p.01, nº 413, Anno XVI.

²⁸ *A Penna*, 23/08/1928, p.01, nº 444, Anno XVII.

Fontes

- GUMES, João. *O Sampauleiro*. Vol. 1. Caetité: Typografia d’A Penna, 1922.

-
- *Jornal A Penna*. APMC.
 - Código de Posturas.APMC.
 - *Revista de Educação*: organ da Escola Normal de Caetité. APMC.